

LEITURA
LITERÁRIA
NA ESCOLA

DESAFIOS E
PERSPECTIVAS
DE UM LEITOR

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Prof. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS
Prof. Dra. Edineide Jezine – UFPB
Prof. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Prof. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVIMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Prof. Dr. Ignacio Calderon – PUCC/SP
Prof. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Prof. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM/Unicamp
Prof. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Prof. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Prof. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Pablo Gentili – UERJ/RJ
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Prof. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Prof. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Facultad de Ciencias de la Educación/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – Iusur/Uruguai
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México
Prof. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha
Prof. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Prof. Dra. María Verónica Leiva Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina
Prof. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina
Prof. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

Conselho Editorial do Laboratório de Edição Fábrica de Letras

Ana Paula Pacheco (USP)
André Mitidieri (UESC)
Antônio Luciano Tosta (KU/USA)
Berenice Granados (UNAM/México)
Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFES)
Cícero Anastácio Araújo de Miranda (UFC)
Claudio Cledson Novaes (UEFS)
Denise Dias de Carvalho Sousa (UNEB/Campus IV/Jacobina)
Jordi Canal i Morell (EHESC/França)
Marcelo Ferraz (UFG)
Marcio Roberto Pereira (UNESP/Assis)
Marcus A. Assis Lima (UESB)
Mário César Lugarinho (USP)
Mauro Mamani Macedo (UNMSM/Peru)
Rejane Cristina Rocha (UFSCar)
Sônia Queiroz (UFMG)
Wander Melo Miranda (UFMG)

MARIA DE FÁTIMA BERENICE DA CRUZ

LEITURA
LITERÁRIA
NA ESCOLA

DESAFIOS E
PERSPECTIVAS
DE UM LEITOR

2a edição
revista e ampliada

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cruz, Maria de Fátima Berenice da Leitura literária na escola : desafios e perspectivas de um leitor / Maria de Fátima Berenice da Cruz. – 2. ed.rev.ampl. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022. – (Coleção Pós-crítica)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-671-1

1. Educação 2. Incentivo à leitura 3. Leitura – Desenvolvimento
4. Leitura (Ensino fundamental) 5. Leitura – Métodos 6. Livros
e leitura 7. Prática pedagógica I. Título II. Série.

22-139013

CDD-028.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Experiência da leitura : Desenvolvimento 028.9

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão: Maria Nazaré Mota de Lima

revisão final da autora

bibliotecária: Inajara Pires de Souza – CRB PR-001652/O

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*“Desafiar os educandos com relação
ao que lhe parece o seu acerto
é um dever da educadora ou
do educador progressista.”
(Paulo Freire)*

Para meus alunos

SUMÁRIO

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO.....	9
PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO.....	15
APRESENTAÇÃO	19
Capítulo 1	
LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA NEOLIBERAL: UM CAMINHO A SER CONQUISTADO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	27
Produção de leitura e escrita numa cultura neoliberal	
Por uma produção de leitura e escrita humanísticas	
O texto literário e a escola	
A leitura literária na escola	
Rotas e descaminhos da leitura literária	
Um retrato da leitura literária no nordeste	
Rotas alternativas para o ensino da leitura literária	
Por uma pedagogia literária sociointeracionista na perspectiva de Bakhtin	
Capítulo 2	
O DESEJO DE LER E ESCREVER NA PERSPECTIVA DE FREIRE E LACAN: UM DIÁLOGO DO INACABAMENTO	83
Começando o percurso do desejo em Lacan	

Sujeitos inacabados: um olhar freireano sobre a educação brasileira
Educação escolar: espaço do encontro entre Freire e Lacan

Capítulo 3

POR UMA TEORIA DA APROPRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO 117

Ações comunicativas para leitura do texto literário

Introspecção

Imagem viva

Interlocução

Síntese de uma experiência na Educação de Jovens e Adultos

Capítulo 4

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA:

DESAFIO DOCENTE E PERSPECTIVA DISCENTE 151

Capítulo 5

POR UMA EDUCAÇÃO LITERÁRIA NA SALA DE AULA DA

EDUCAÇÃO BÁSICA 159

Capítulo 6

EXPERIÊNCIAS LEITORAS DE UMA LEITURA

LITERÁRIA ESCOLARIZADA 177

Flores que leem: experimentos de um diário literário

Capítulo 7

LEITURA LITERÁRIA DE FÁBULAS

NA EDUCAÇÃO INFANTIL 197

O sentido da espontaneidade na prática da leitura

Construindo leituranças prazerosas

Competências, Habilidades e Dispositivos Leitores

POSFÁCIO 215

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA:

UM CAMINHO PARA HUMANIZAÇÃO (estudo crítico) 219

REFERÊNCIAS 227

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO

Com uma abordagem renovadora e apaixonada pela educação, Maria de Fátima Berenice da Cruz traz a público uma proposta de sucesso para o ensino de literatura. Suas reflexões sobre leitura e ensino de literatura fazem parte de uma agenda atual sobre a busca de respostas para os problemas e as dificuldades encontradas pelos professores brasileiros nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica e na Educação para Jovens e Adultos (EJA). Com esse recorte, a autora formula uma proposta pedagógica de fôlego e relevância para o ensino de literatura na contemporaneidade.

A busca de uma perspectiva do prazer pela leitura literária a partir de sua dimensão social ratificar o caráter inovador e desafiador das reflexões acadêmicas deste livro. Nesse sentido, a autora nos mostra uma nova possibilidade para o ensino de literatura sem o engessamento dos livros didáticos nem a imposição historiográfica de datas e obras, pois valoriza a experiência do leitor a partir do prazer da leitura e do contato com o texto literário.

Com uma longa experiência de sala de aula, Maria de Fátima Berenice da Cruz revisita a legislação sobre as políticas públicas para leitura e ensino de literatura com um olhar apaixonado e engajado com uma educação de qualidade. Suas críticas ao sistema neo-liberal de educação ressaltam a ideia de uma pedagogia da leitura com ênfase no leitor crítico. Por sua

densidade teórica, este livro desafia o senso comum e apresenta uma proposta humanizadora do ensino de literatura uma vez que está preocupado com a qualidade das aulas de literatura. Para isso, a autora apresenta uma metodologia de leitura pautada na valorização do cidadão e de seu conhecimento de mundo, reconhecendo a aula de literatura como espaço para troca de experiências pessoais e coletivas e como um meio de transformação e amadurecimento do leitor.

Nessas pegadas da inclusão social e do debate sobre pedagogia de leitura literária, este livro nos convida a acreditar em uma pedagogia de acolhimento do leitor, respeitando suas particularidades e suas experiências sociais. Assim, identificamos a valorização do outro como uma das qualidades dessa abordagem pedagógica. Essa intermediação entre as identidades, as diferenças e as alteridades, que sua proposta de leitura literária traz, renova nossas expectativas para o sucesso das aulas de literatura.

A autora também nos convida a abandonar a postura de cobrança da leitura literária como uma forma de avaliação para valorizar o ensino de literatura por sua força humanizadora. Tal perspectiva de destaque do texto literário na formação crítica do leitor coaduna com as últimas reflexões de Tzvetan Todorov, na obra *A literatura em perigo* (2009), sobre o fracasso do ensino de literatura na contemporaneidade. Como saída para a crise das aulas historiográficas ou de repetição de leituras já canonizadas, o crítico francês regata a leitura do texto literário como uma etapa da formação social do leitor. Seguindo essa perspectiva, Maria de Fátima Cruz questiona a omissão do professor ao retirar o texto literário de sua prática pedagógica e o convida a intermediar o ato de leitura como um processo contínuo de interpretação aberto às trajetórias pessoais do leitor.

Portanto, a autora valoriza a formação da consciência crítica do leitor por meio da leitura literária cujas experiências pessoais passam a fazer parte da análise do texto e são narradas como parte de interpretação de todos. Nesse caso, a leitura passa

a ser coletivizada e funciona como uma troca de experiências. Tal exercício da aula de literatura como um laboratório de trocas de experiências nos ensina o quanto a arte e a literatura podem ajudar na formação crítica do leitor. Nesse processo, literatura e sociedade não podem ser desvinculadas, pois o processo de leitura aceita que as trajetórias pessoais se aproximem das trajetórias ficcionais. Com essa troca de experiências, a aula de literatura valoriza sua função social.

Com essa preocupação humanizadora da leitura literária, este livro ressalta uma prática de leitura interdisciplinar, pois trabalha com aspectos pessoais e psicológicos do leitor, e com abordagens sociais da comunidade, além de valorizar o repertório cultural do leitor. Portanto, a autora nos propõe que o papel do professor nas aulas de literatura passe a ser de um moderador de posições discursivas pessoais, sociais e literárias. Dessa forma, o professor passa a ter um papel fundamental ao aproximar o leitor do texto literário e de suas especificidades por meio de uma proposta interativa preocupada em despertar o gosto pelo texto literário. Nessa moderação, o professor deve dar ao leitor a oportunidade de exercer sua cidadania ao identificar as especificidades dos textos literários como partes de suas experiências pessoais.

Portanto, este livro nos aproxima da pedagogia da provocação para defender uma leitura interdisciplinar que leve o aluno a pensar seu espaço na sociedade a partir das subjetividades do tecido literário. Assim, para além do gosto pela literatura, a autora está propondo um método de desenvolvimento e aprimoramento de técnicas de leitura em condições adversas do leitor que passam a interagir com o texto por meio de brincadeiras, de trabalhos manuais, de apresentações, de cartazes entre tantas outras atividades práticas de experiência textual. Com isso, ela nos alerta que o lúdico é um dos elementos indispensáveis para o sucesso da leitura literária.

Assim, essa proposta de leitura literária pede uma postura politizada por parte de professores e alunos. Nesse processo, os

velhos conceitos canonizados de literatura ficam para trás e dão lugar a troca de experiências do leitor que leva para a leitura suas aproximações entre o mundo ficcional e o mundo real. A partir dessa fronteira, a autora nos ensina que as experiências vividas pelo leitor são indispensáveis no relato dos entendimentos que o texto literário possibilita. Com um processo de interpretação que abre espaço para as subjetividades do leitor, esta proposta destaca sua dupla ambição pedagógica: a inclusão social e a melhoria da qualidade das aulas de literatura.

Portanto, o prazer da leitura literária é valorizado no relato das experiências pessoais que se transformam em experiências coletivas e em possibilidades de leituras. Essa coletivização da leitura literária é o ponto alto desta proposta. Nesse processo de troca, o texto literário é traduzido pela experiência do leitor que é mediada pelas diferentes interpretações colhidas na sala de aula. Assim, a autora nos traz uma possibilidade de formação do leitor politizado, com destaque para a diferença e alteridade desse leitor.

Além de ser uma proposta humanizadora, esse método de ensino ressalta a importância do desenvolvimento das habilidades estéticas do leitor que não deve deixar de lado as especificidades do texto literário. Tal preocupação dialoga com os conceitos de “leitor modelo”, de Umberto Eco, que destaca a importância de o leitor associar suas experiências textuais e culturais com as experiências do texto literário lido. Nesse sentido, a autora propõe que o professor seja um mediador das perguntas que surte no processo de leitura, entre as quais destacamos duas: como aquela história se aproxima de experiência de vida do leitor; e como os relatos ficcionais interferem na forma como o leitor analisa sua sociedade.

Por isso, podemos dizer que a proposta de Maria de Fátima Cruz valoriza a leitura interdisciplinar como um exercício em que o leitor inclui questões identitárias no roteiro de sua interpretação artísticas e culturais. Nessa metodologia, a aproximação cultural não pode deixar de fora as dualidades do texto literário que abre o campo de interpretação tanto para a

literatura como para a sociedade. No campo metodológico, essa proposta articula uma multiplicidade de discursos educacionais e da teoria da recepção para sustentar a importância da liberdade no processo de leitura.

Para a autora, o sucesso no ensino de literatura passa pelo entendimento dos conflitos pessoais e coletivos que fazem parte da prática do aluno e do professor. Portanto, o papel do professor passa a ser de mediador de experiências, valorizando o papel social da leitura. Assim, esta proposta defende a recepção como mediação de fronteiras identitárias e passe a produzir o saber de um lugar atual. Tal saber deve deixar para trás as velhas performances preconceituosas de identificação social para legitimar a diferença como prática de aprendizagem contínua. Assim, o lugar da leitura é um espaço para formação de cidadãos conscientes da diferença como uma possibilidade cultural de relacionamento. Tal mudança de paradigma reconhece que um dos objetivos mais importantes do ensino da literatura está na sua formação social, pois proporciona novas experiências além de ampliar o universo pessoal do leitor, quando convida-o a imaginar novas maneiras de se interpretar enquanto cidadão e organizar melhor o mundo a sua volta. Essa abordagem, portanto, nos livra da leitura vigiada e da punição como uma estratégia de avaliação ao resgatar o lugar da escola como espaço de troca de experiências e está pautada em três preocupações: criar a vivência do literário; diversificar as práticas de leitura literária; e construir leitores assíduos.

Esses objetivos podem ser alcançados por meio da pedagogia do prazer em que o professor constrói um ambiente para a prática de leitura a partir do desenvolvimento da escuta. A grande inovação desta proposta está justamente nessa escuta do outro. Ao ouvir o outro, o professor está abrindo espaço para o respeito pelo mundo do leitor por meio de um processo cujo resultado não é fixo uma vez que privilegia o inacabamento humano como parte do método de leitura literária.

Com isso, a autora ressalta o caráter mediador da escola como uma instituição social para além dos saberes

sistematizados. Diante dessa sua constatação, a proposta de leitura deve ser vista como um processo em que as interpretações do texto literário partem da complementaridade da experiência vivida pelo leitor. Tal complementaridade e inacabamento do processo de leitura são os destaques pedagógicos desta proposta para o sucesso da leitura literária. Com essa dinâmica, Maria de Fátima Cruz constrói uma abordagem apaixonada que tem muito a contribuir para a melhoria do ensino de literatura no Brasil, pois mescla a experiência da professora com a da pesquisadora ávida por bons resultados.

Portanto, cabe ao professor construir esse lugar de interseção, como um espaço de prática social da leitura sem medo de acreditar na possibilidade de concretizar a experiência do texto literário. Assim, Maria de Fátima Cruz cumpre seu propósito de formular uma saída para a falta de perspectivas sociais e pedagógicas para as aulas de literatura ao destacar que a pedagogia do prazer e da liberdade não pode deixar de lado o uso da imaginação e da criatividade como ingredientes indispensáveis para o sucesso da leitura literária na escola.

Dr. Carlos Magno Santos Gomes
Universidade Federal de Sergipe
Itabaiana, novembro de 2011

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

O século XX é o século da lógica e da linguagem. A linguagem tornou-se o elemento fundamental para o pensamento filosófico contemporâneo. Foi a chamada “virada linguística” que tanto contribuiu para o questionamento da existência de tipos de referências vinculados a realidades distintas. Em outras palavras, as relações entre linguagem e realidade, palavras e coisas, e os jogos de linguagem com os atos de fala nos processos comunicativos, nunca foram tão observados, analisados e debatidos. Foram fenômenos investigados em diferentes perspectivas que geraram teorias do discurso, aptas a fornecer as ferramentas adequadas ao estudo da construção de sentido por comunidades sociais.

A “virada linguística” provocou transformações rápidas e importantes na pedagogia igualmente, que não estaria mais submetida às funções exclusivas da nomeação e da designação, e sim ao dinamismo das polissemias advindas dos encontros dos signos com a sociedade. A pragmática da comunicação não encantou todos os filósofos e pensadores, alguns tendo preferido concentrar suas reflexões em torno de mundos de vida já estabelecidos e organizados na esteira da transmissão transgeracional alinhada literalmente. Mas muitos outros desenvolveram teorias do significado que se encontrariam vinculadas aos contextos de interação, nos quais o ato comunicativo evolui.

A pedagogia de Paulo Freire representa um exemplo de ensino-aprendizagem baseado em “ação comunicativa” que ocorre no contexto do mundo da vida que os falantes compartilham intersubjetivamente. Nesse âmbito, Maria de Fátima Berenice da Cruz sugere uma abordagem inédita para a educação, que põe em cena uma metodologia de sucesso para o ensino de literatura. Suas ponderações sobre leitura e ensino de literatura fazem parte de uma prática atual sobre a busca de respostas para os problemas e as dificuldades encontradas pelos professores brasileiros nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica e na Educação para Jovens e Adultos (EJA). Com esse recorte, a autora formula uma proposta pedagógica inovadora para o ensino de literatura na contemporaneidade.

Maria de Fátima Berenice da Cruz tem uma longa experiência de sala de aula e, assim, ela parte para revisitar a legislação sobre as políticas públicas para leitura e ensino de literatura com um olhar novo comprometido com uma educação de qualidade. É um posicionamento que desafia o senso comum, com inúmeras críticas ao sistema neo-liberal de educação que visa formar mentes mecânicas para agir em um mercado estabelecido. Com teorias fundamentadas na “virada linguística” e na pedagogia de Paulo Freire, a autora vai apresentando um método humanizador de ensino já que está preocupada com a qualidade das aulas de literatura: sua metodologia de leitura é pautada na valorização do cidadão e de seu conhecimento de mundo, sendo a aula de literatura o melhor espaço para troca de experiências pessoais e coletivas, e de saberes polissêmicos.

Maria de Fátima Berenice da Cruz convoca igualmente os aportes teóricos de Bakhtin, para quem apenas a situação de comunicação espaço-temporalmente determinada pode ser capaz de revelar a dinâmica das relações entre o material representante e o material representado. Dessa forma, existe sempre uma tensão orgânica entre um conjunto significativo dado e suas condições de produção, de tal forma que uma situação de comunicação nunca será um repertório de conteúdos programados, mas um dispositivo de engendramento e de investimento de sentido em matérias significantes diferenciadas.

Na visada da inclusão social e do debate sobre pedagogia de leitura literária, a autora convida seus leitores a trabalhar com uma pedagogia de inserção do receptor, que respeite a enciclopédia cultural de cada um, no dizer de Umberto Eco. A valorização do outro é uma das qualidades dessa abordagem pedagógica, em uma pegada dialógica. A intermediação entre identidades, diferenças e alteridades, que a metodologia da autora autoriza, reaviva todas as expectativas para o sucesso das aulas de literatura.

Neste método é necessário esquecer a postura de cobrança da leitura literária como quadro determinado de visão do mundo. A nova perspectiva é humanista, e encara o leitor como “inacabado”, *in process*, cuja incompletude o leva a criar e a recriar seus horizontes axiológicos de percepção dos territórios em que se encontra. É quando a autora intersecciona as idéias de Freire com as de Lacan, em torno da dinâmica da interlocução. Na concepção lacaniana, o ser humano é linguagem, pois é um ser de cultura; seu inconsciente é um armazém de significantes circulando em paradigmas incertos até o momento em que está apto a estruturar certos significados. Ele está imerso na cultura e se diferencia de todos os animais com sua capacidade de transcender a realidade aparente e de atingir o nível dos símbolos.

Em uma pedagogia libertadora e crítica, em que o desejo é impulsionado a partir da linguagem e como efeito dela, o professor tem a obrigação de desenvolver um trabalho em que os objetos representados transcendam suas dimensões concretas e possam ser investidos por campos simbólicos plurais. A consciência crítica do leitor é assim acionada, segundo a autora, em um exercício gerado muito mais na práxis da ação com reflexão do que através de atitudes intelectualistas de fatura mecanicista.

Diante do exposto, pode-se observar o quanto o presente livro tem contribuído, e vai continuar contribuindo, para a formação humanista de inúmeros estudantes, graças a uma metodologia apurada que aponta para formas profícuas de

construção de sentidos. A percepção que os leitores tem do universo social e das trocas que eles podem manter com esse universo é valorizada, e, assim, o ensino da literatura na sala de aula tenderá necessariamente a reforçar as relações entre texto e mundo vivido.

Licia Soares de Souza
(UNEB/CNPq/PÓS-CRITICA)
Salvador, julho de 2022

APRESENTAÇÃO

Em 2012 lancei a primeira edição deste livro, resultado de uma vasta pesquisa desenvolvida na Educação Básica durante 4 anos ininterruptos. Considerando a importância das experiências reais trazidas pelo estudo, o livro teve boa aceitação do público acadêmico e passou a fazer parte da bibliografia básica de alguns Programas de Pós-Graduação em Letras e Educação. Dez anos depois, com a pesquisa ampliada e consolidada no campo da leitura literária, sinto que está na hora de lançar a segunda edição, agora ampliada com mais três capítulos.

Essa ampliação é decorrente de novas experiências metodológicas que realizei na pesquisa de pós-doutorado. Alguns artigos foram publicados em revistas científicas, mas creio ser necessário e de bom alvitre disponibilizar para os leitores através do livro uma síntese dessa pesquisa para que eles possam cotejar o antes e o depois da ampliação, observando que a luta por uma leitura literária humanizada não se esgota, visto que ela é atemporal e incansável como a arte.

O conceito de arte é extremamente subjetivo e varia de acordo com a cultura, o período histórico e o lugar de onde falam os sujeitos. Não se trata de um conceito simples, por isso vários artistas e pensadores já se debruçaram sobre ele no intuito de descobrir a sua natureza. Desde quando o homem começou a estudar a arte por ele mesmo produzida, questões

sobre concepção, função da literatura e importância do leitor têm sido assunto de muitas controvérsias. Contudo, dentre estas três dimensões, uma sempre recebeu muitos cuidados, isto é, o leitor. O leitor é uma entidade simétrica que vai, junto com o fazer literário, tecendo as suas crenças, suas expectativas, suas previsões, movendo o texto de modo a construí-lo.

Durante o exercício de construção leitora, o leitor abre caminho para as mais diferentes formas de interpretação, na medida em que se concede o prazer de ser seduzido pelos encantos do texto. Desta forma, o leitor tem uma importância capital dentro do texto, porque no ato da leitura ele se desenvolve em dois planos entrecruzados. Num primeiro plano ele se converte em personagem e em seguida o leitor-personagem vai começando a ler o tecido textual e as suas reações de leitura.

Nesse labirinto de papéis o leitor intercambia a sua memória de leitura com a memória de leitura do texto, transformando a sua experiência de contato com o texto numa aventura de leitura; porque o leitor-personagem é aquele que lê a vida, dialogando consigo mesmo, avaliando e comentando a trajetória do sujeito leitor no espaço dialógico da leitura.

Frente a isso, todas as ações de leitura do ser humano representam a busca pela liberdade de construir o mundo da leitura. Então, quando se considera que a liberdade é a possibilidade de desvincular-se de sistematizações reguladoras, só resta ao homem, a fuga da linguagem por meio de uma trapaça linguística utilizando-se da própria língua. Essa trapaça salutar é considerada por Barthes (1978, p. 16) como literatura.

A concepção de Barthes de que a literatura é capaz de trapacear o fascismo da língua, deve-se ao fato de que a linguagem literária faz o deslocamento sobre a língua para se fazer compreender. Este deslocamento marca o poder emancipatório que o texto literário exerce na vida de autor e leitor na utilização da linguagem de uma realidade cotidiana. O autor que se utiliza dessa linguagem cria estruturas linguísticas que conduzem o homem a pensar a sua situação de sujeito

no universo. E dessa forma proporciona ao leitor uma clara compreensão de seus sentimentos e ideias.

Assim, ao construir o texto literário, o escritor consegue que sua criação tenha um novo valor, isto é, passa de simples utilização comunicativa da linguagem para uma ferramenta de poder e emancipação do sujeito. O poder assumido pela nova linguagem é um poder ligado ao novo valor artístico. A linguagem literária assume aspectos de representação e demonstração. Através dessa linguagem, pode-se refletir sobre a própria língua como lugar da liberdade. A linguagem literária permite que as palavras assumam vida própria, com novas significações que não aquelas a elas conferidas usualmente. A linguagem passa a ter “sabor”. Um sabor que advém da composição alquímica do olhar do escritor e da percepção ativa do leitor frente às palavras de uma linguagem literária que assume novos significados e representações.

Daí pode-se perceber que uma das funções da literatura é a representação do real. Esta representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado em um plano unidimensional por ter uma natureza distinta, pluridimensional. Assim, Barthes diz que a literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas. Essa heteronímia pode ser mais bem entendida quando se pensa que esta linguagem, como já dito anteriormente, é livre para conferir novos significados às palavras. Ela joga com os signos ao invés de reduzi-los a um universo já determinado.

Nessa perspectiva de representação Cândido (1972, p. 53) nos diz que “A arte, e, portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos”. Essa passagem da obra Cândido fala da indispensável presença de um elemento de manipulação técnica, o qual é fator determinante para a classificação de uma obra como literária ou não. Esse elemento entende-se, é a linguagem classificada por Barthes como a

linguagem literária, a qual estabelece uma nova ordem para as coisas representadas, mantendo uma ligação com a realidade natural.

Embora a literatura permita a criação de novos universos, estes são baseados, ou inspirados, na realidade da qual o escritor participa. Daí a afirmação de que a literatura é vinculada à realidade, mas dela foge através da estilização de sua linguagem. Também Lajolo afirma (1981, p. 38) que a linguagem tem um papel determinante na classificação de uma obra como literária. Segundo ela,

[...] a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura faz a linguagem tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade entre autor e leitor, escapando ao imediatismo, à previsibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Estando a literatura ligada à demonstração do real, esta assume funções que atuam diretamente no homem e, depois, volta-se para sua formação, enquanto fruidor dessa arte. Assim, pensar a literatura na escola é antes de tudo acreditar que ela contribuirá para a construção e conseqüentemente a formação dos estudantes numa perspectiva humanizadora e libertária. Por isto, o que esta obra pretende é apresentar uma discussão teórico-crítica que enfatize a viabilidade e a importância do texto literário no processo de ensino e aprendizagem de crianças, jovens e adultos no âmbito escolar.

Nesse intento, a segunda edição deste livro se estrutura em sete capítulos, que respeitando a autonomia temática de cada um, se completam. O primeiro capítulo, intitulado Leitura e escrita na escola neoliberal: um caminho a ser conquistado na educação brasileira é um espaço de reflexão sobre a produção de escrita e de leitura na educação brasileira neoliberal, destacando as misérias formativas¹ que subjazem no processo de formação

1. Termo utilizado por Roberto Sidnei Macedo ao definir os equívocos didáticos cometidos em sala de aula.

leitora do aluno. Ainda nesta discussão é destacado o lugar de uma produção de leitura e escrita humanizadora, tendo como lastro o pensamento sóciointeracionista de Bakhtin.

No segundo capítulo intitulado O desejo de ler e escrever na perspectiva de Freire e Lacan: um diálogo do inacabamento, enveredo pelos caminhos da psicanálise lacaniana para dialogar o conceito de desejo postulado por Lacan com a noção de inacabamento discutida por Freire. Para isso, a temática se subdividiu em três blocos. No primeiro bloco, peço licença para discutir um conceito, dentro de uma área, cujo domínio ainda não possuo, apesar das incursões parafrásicas que faço. Entretanto, tive a sorte de encontrar um valioso estudo sobre Lacan feito por Miller, que me permitiu compreender os meandros do pensamento lacaniano. No segundo bloco, já me senti mais confortável na discussão, pois trazia o olhar freireano sobre a construção do conhecimento do aluno e do professor no contexto escolar. Nesse bloco, o conceito de inacabamento mantém um diálogo com o pensamento de Lacan para quem o objeto faltoso que habita em nós é o objeto do desejo. No último bloco, estabelecemos um diálogo de Freire com Lacan no contexto da sala de aula, a partir do olhar sobre o texto literário.

Por uma teoria da apropriação do texto literário é o terceiro capítulo de reflexão e aborda a necessidade de desenvolver no ato da leitura do texto literário algumas ações comunicativas que tornarão o exercício do leitor um *savoir-faire* prazeroso e assim, transforma o leitor-decodificador em leitor-personagem.

No quarto capítulo Leitura literária na escola: desafio docente e perspectiva discente apresento algumas considerações relativas ao conceito de leitura e aos espaços ocupados pela leitura na vida do aluno. Nele enfatizo ainda que, a leitura ocupa dois espaços distintos dentro do âmbito escolar, espaços esses que potencializam práticas diferenciadas de leitura. Desse modo, o espaço da leitura na escola e o espaço da leitura na sala de aula são analisados como contextos diferenciados onde se estabelecem a dinâmica de leitura.

Os três capítulos subsequentes fazem parte de estudos e publicações que realizei entre os anos de 2019 e 2021 por ocasião de pesquisas realizadas no pós-doutorado. Essas pesquisas ampliaram e aprofundaram o campo de visão da investigação sobre a leitura literária na/para sala de aula e proporcionaram um maior amadurecimento e, portanto, a necessidade de reedição deste livro. O quinto capítulo Por uma educação literária na sala de aula da Educação Básica apresenta duas concepções interrelacionadas. A primeira concepção é o embate de duas gerações (discentes e docentes) oriundas de contextos distintos de formação e que, ao mesmo tempo, convivem num espaço em que a tecnologia é a protagonista. A segunda concepção é de que vivemos numa colonialidade de poder dominante, fruto do imperialismo neoliberal, mas contraditoriamente com posturas e padrões de vida decoloniais. Em meio a esse jogo epistêmico encontram-se a escola e a educação literária.

O sexto capítulo Experiências leitoras de uma leitura literária escolarizada oferece aos leitores uma experiência de prática de leitura que entendo ser importante refletirmos sobre ela, pois demarca o espaço da experiência de um observatório de leitura para educação básica, composto por estudantes do curso de Letras que encontram-se em processo de formação inicial para docência. Utilizamos para o desenvolvimento desse capítulo a técnica de coleta através das rodas de conversas (gravadas), as séries didáticas de leitura e a produção de relatos e diários de leitura. Esse material coletado foi analisado à luz do Método recepcional (ROUXEL), da produção de subjetividade (CANDAU, ECO, BARTHES) do conceito de Memória (RICOEUR, MANGUEL) para então chegarmos ao entendimento de como seria a educação literária de caráter emancipatório (COSSON, GOMES).

Para finalizar o sétimo capítulo Leitura literária de fábulas na educação infantil objetiva apresentar aos leitores uma discussão e conseqüentemente uma proposta sobre o ensino da leitura literária na Educação Infantil organizada em duas sessões, isto é: a primeira, com base no psicodrama,

discute o valor da espontaneidade das crianças na condução das atividades literárias. E na segunda sessão apresentamos uma proposta de leitura com fábulas, tendo como esteio didático os dispositivos leitores intercambiáveis. Assim, como reforço à discussão, o capítulo salienta a profissionalização do docente leitor na produção de atividades leitoras para classes da Educação Infantil.

Nesse sentido, inspirada nos estudos de Muniz, para quem a pedagogia do desejo é o resultado de uma prática de escuta às necessidades dos alunos, defendo que a escola deve implicar-se com uma proposta didático-pedagógica que tenha a noção de desejo como sustentáculo pedagógico, instituindo possíveis mudanças no campo da prática de leitura, de forma que outras possibilidades de atuação sejam descobertas para conquistar crianças, jovens e adultos para o trabalho com o texto literário escolarizado.